

Movidos pela inveja: os adversários de Jesus e suas motivações em Mc 2.1-3.6

Irineu J. Rabuske*

Resumo: A exegese das cinco controvérsias de Mc 2.1-3.16 sempre se concentrou sobre a pessoa ou o objeto causador da disputa. No presente artigo a atenção se dirige para os adversários de Jesus. Na busca de um denominador comum, surge a *inveja* como força motora da atitude dos adversários. A partir disso e com contribuições da antropologia, é possível compreender de alguma maneira a atitude inusitada dos escribas provenientes de Jerusalém que, ao invés de avaliarem a prática de Jesus num relatório, possivelmente enviado ao sinédrio, tomam a inusitada decisão criminosa de matarem Jesus, extrapolando com isso toda a sua competência.

Resumen: La exégesis de las cinco controversias de Mc. 2.1-3.16 siempre se centró sobre la persona o el objeto que causa la disputa. En el presente artículo la atención se dirige para los adversarios de Jesús. En la búsqueda por un denominador común, surge la *envidia* como fuerza motora de la actitud de los adversarios. A partir de esto y con contribuciones de la antropología, es posible comprender de alguna manera la actitud inusitada de los escribas provenientes de Jerusalén que, en vez de evaluar la práctica de Jesús en un informe, posiblemente enviado al sanedrín, toman la inusitada decisión criminal de matar a Jesús, extrapolando con tal actitud todas sus atribuciones.

Abstract: The exegesis of the five controversies of Mk 2:1-3:16 has always concentrated on the person or the object that caused the dispute. In the present article the attention is directed to the adversaries of Jesus. In seeking a common denominator, *jealousy* comes forth as the moving force of the adversaries' attitude. Based on this and with contributions from anthropology, it is possible to understand in some way, the unusual attitude of the scribes who came from Jerusalem, who, instead of evaluating Jesus' practice in a report, possibly sent to the Sanhedrin, they make an unusual criminal decision to kill Jesus, thereby extrapolating completely the bounds of their responsibilities.

* Dr. Irineu J. Rabuske é professor na Faculdade de Teologia da PUCRS em Porto Alegre, RS.

Introdução

Nas controvérsias de Mc 2.1-3.6 concentrar-nos-emos aqui especificamente nas atitudes dos adversários de Jesus. Testaremos se o conceito *inveja*¹ poderá nos ajudar a desvendar de algum modo o porquê de suas atitudes.

Nas últimas décadas tem-se verificado um reavivamento dos estudos neotestamentários, principalmente no campo dos sinóticos. A principal força que impulsionou esses estudos foi, sem dúvida alguma, a aplicação da leitura sociopolítica aos textos dos evangelhos. Para tanto contribuiu, de forma decisiva, a pesquisa do contexto sociohistórico da Palestina dos tempos de Jesus². Nesse campo pode-se dizer, com certeza, que a exegese já alcançou resultados bastante sólidos que se expressam em obras de cunho científico³, obras essas que dão suporte à leitura popular que tem se realizado em todo o antigo Terceiro Mundo, especialmente na América Latina. Com isso, a interpretação bíblica libertou-se dos parâmetros estreitos da exegese histórico-crítica europeia, acometida pelo cansaço de trabalhar com pré-compreensões de ordem sociohistórica que não contemplavam a evolução da sociedade em décadas recentes⁴.

Como a história é uma roda cujo movimento não se pode deter, nem retroceder, assim também a exegese não pode simplesmente parar no momento histórico do resgate da dimensão sociopolítica, nem na leitura que desvincula o texto bíblico dos grupos dominantes. Há, para além da dimensão social, política, econômica e ideológica, também a dimensão interpessoal, antropológica e cultural. O historiador Décio Freitas⁵ lembra bem a importância dessa dimensão quando analisa o erguimento e a queda dos regi-

1 O texto reproduz uma comunicação oral que fiz no Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, de 8 a 10 de setembro de 2004, na Universidade Católica de Goiânia. Sou grato de modo especial à Sra. Ursula Zoellner pela pesquisa literária prévia sobre o tema *inveja* para sua possível aplicação na análise das atitudes dos adversários de Jesus.

2 Hoje há uma extensa literatura, que não será necessário elencar aqui, acessível inclusive em língua portuguesa.

3 Cf. BELO, F. *Lecture Materialiste de l'Évangile de Marc: récit – pratique – idéologie*. Paris: Cerf, 1975; GALLARDO, C. Bravo. *Jesus homem em conflito*. São Paulo: Paulinas, 1997; MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992. Essas são apenas obras ilustrativas, referentes ao evangelho de Mc, pois a literatura existente é bem mais ampla.

4 A exegese histórico-crítica continua tendo plena validade. O que se critica é sua aparente neutralidade no que tange à realidade sociopolítica. Na verdade, esse conjunto de métodos tradicionais tem um pressuposto sociológico, já lembrado por E. TROELTSCH, isto é, o conceito de *Sitz-im-Leben* [lugar vivencial]. Só que esse conceito sofreu com a dominação da análise social de tipo funcionalista.

5 JORNAL Zero Hora. Porto Alegre, 11.1.2004.

mes socialistas: é bem mais fácil mudar uma ordem econômica, do que transformar uma situação cultural. Isso explica, porque a exegese hoje procura também aportar elementos da antropologia cultural para ampliar mais a compreensão do texto bíblico⁶.

1 - As controvérsias na história da exegese – a forma literária e o papel dos adversários

Já em 1920, Martin Albertz havia identificado a forma literária *controvérsia*⁷. Constatou igualmente em sua pesquisa que o evangelista Marcos, em sua atividade redacional⁸, havia concentrado um bloco de cinco controvérsias em 2.1-3.6. Disto pode-se concluir que as cinco controvérsias, já existentes na tradição pré-marcana, foram aqui colocadas pelo evangelista por motivos teológicos. Assim sendo, não se pode pensar num contexto cronológico exato. Mais do que dizer que as controvérsias aconteceram historicamente durante o período da prática de Jesus na Galiléia é bastante arriscado. A intenção redacional marcana é colocar essas controvérsias mais no início da atividade pública de Jesus. De qualquer modo, deve ter ocorrido algum lastro de tempo entre o início da atividade de Jesus e o início das controvérsias. É o tempo necessário para que a prática de Jesus tenha conseguido provocar reações dos adversários e, mais ainda, do próprio sinédrio em Jerusalém.

A crítica das formas (*Formengeschichte*) conseguiu identificar um esquema literário de fundo comum àquelas narrativas que se convencionou chamar de *controvérsias*. Recordar esse esquema aqui certamente não se constitui em esbanjamento de tempo nem de espaço. Compõe-se dos seguintes elementos:

- a pergunta dos adversários;
- uma contra-pergunta de Jesus;
- a (não)resposta dos adversários;
- a contra-resposta (ou não-resposta) de Jesus⁹.

6 O próprio B. MALINA, um dos corifeus da leitura política, percebe essa necessidade e direciona hoje sua pesquisa nessa direção.

7 ALBERTZ, M. **Die synoptischen Streitgespräche**: Ein Beitrag zur Formengeschichte des Urchristentums. Berlin: Trowitzsch und Sohn, 1920.

8 Cf. THISSEN, Werner. **Die Erzählung der Befreiung**: Eine exegetische Untersuchung zu Mk 2,1-3,6. Würzburg: Echter Verlag, 1976. O autor faz acurada análise e distingue com muita precisão entre o material tradicional e redacional nas cinco controvérsias.

9 SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia da exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 208.

A controvérsia inclui-se no conceito mais amplo de *apoteagma* (ou paradigma)¹⁰ e tem muita semelhança com a forma literária *diálogo didático* (*Schulgespräch*). Basicamente, distingue-se entre as duas formas, observando o início da narrativa. A discussão pode ser provocada por uma cura ou determinado comportamento de Jesus. Decisivo, porém, é observar *quem inicia a discussão*. Se a iniciativa parte de Jesus, trata-se de um diálogo didático, no qual a narrativa procura realçar a atividade didascálica de Jesus. Se são os adversários que dão início à discussão, trata-se de uma controvérsia, na qual é colocada em evidência a superioridade de Jesus diante de seus oponentes¹¹.

Percorrendo a literatura exegética, percebe-se que os adversários não têm recebido a merecida importância. Alguns autores dedicam-se a ressaltar a pessoa de Jesus, que aparece em sua superioridade tanto nas ações quanto nas palavras, reduzindo ao silêncio aqueles que se lhe opõem. Outros concentram-se em analisar a situação dos agraciados, quando a controvérsia surge por ocasião de uma cura (Drewermann). Analisar a situação e os motivos que realmente animam os oponentes de Jesus continua uma tarefa por ser realizada. Nas próximas páginas, o objetivo é, justamente, tematizar os adversários e tentar identificar o que os move.

2 - Os adversários como emissários do sinédrio

Qualquer tentativa no sentido de estabelecer uma cronologia nos eventos narrados por Marcos está fadada ao fracasso, já que o evangelista está seguindo motivações teológicas e não históricas, no sentido moderno do termo *história*. Mesmo assim, não se pode excluir que esteja apresentando fatos que remontem ao próprio Jesus histórico. Para identificar o que há de histórico por detrás das controvérsias, é preciso ir um pouco além do bloco 2.1-3.6. O nosso bloco está supondo uma situação que aqui não é descrita. É preciso encontrá-la noutro lugar. Esse outro lugar é exatamente 3.22-27, na conhecida controvérsia de Belzebu. É nessa controvérsia que vamos

10 A nomenclatura diferenciada tem origem nos autores clássicos da crítica das formas. BULTMANN, R. **Die Geschichte der synoptischen Tradition**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1967. p. 8-72, utiliza o termo grego *apoteagma*. DIBELIUS, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Valencia: EDICEP (Institución San Jerônimo), p. 45-73, utiliza o termo *paradigma*. Em geral, tem prevalecido a nomenclatura proposta por Bultmann, não faltando, porém, autores que continuem a utilizar o termo *paradigma*, seguindo Dibelius.

11 WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 185.

encontrar algo do contexto histórico que nos interessa. Vamos aqui aproveitar material já elaborado em outra pesquisa¹².

A análise da controvérsia de Belzebu (Mc 3.20-30) permite que se conclua que os adversários de Jesus são escribas enviados pelo sinédrio. O fato de o evangelista acentuar que esses escribas haviam descido de Jerusalém (3.22c; 7.1) deu ensejo a essa suspeita. O evangelista está afirmando que a prática de Jesus deve ter repercutido muito cedo em Jerusalém. O sinédrio, preocupado com a política de bom entendimento com o império romano, deve ter enviado uma delegação para ver o que estava acontecendo na Galiléia.

Politicamente, os adversários de Jesus devem ser entendidos como emissários do sistema do templo de Jerusalém. Não são agentes autônomos. Estão a serviço da ordem estabelecida. Com isso, a questão poderia ser dada por encerrada. Do ponto de vista sociopolítico, de fato, podemos considerar a questão esclarecida. Mas – se olharmos o quadro sob outro ângulo – podem surgir-nos novas perguntas. Seriam os oponentes de Jesus simplesmente autômatos, cegos cumpridores de uma ordem do sinédrio? Seriam tão bem remunerados para realizarem sua tarefa sem nenhuma motivação pessoal? Estamos começando a observar o quadro sob outra perspectiva, sob o viés mais antropológico, para completar a identificação dos elementos que o compõem.

3 - A inveja

Os adversários de Jesus são, sobremaneira, escribas. Os que eram provenientes de Jerusalém deveriam ser do grupo dos saduceus. Quanto aos escribas locais na Galiléia, seria temerária uma afirmação semelhante. Em todo caso, os escribas estão presentes nas narrativas sinóticas sempre como defensores do sistema sócio-religioso-político vigente. São, por assim dizer, agentes do sistema vigente. Quanto a isso, não resta dúvida. O que, porém, pode levantar questionamentos diz respeito às motivações pessoais que os levava a tão ásperas contendas com um pregador popular, qual era Jesus de Nazaré. Um pregador popular que, quanto se pode saber, não havia freqüentado a escola de nenhum mestre conhecido. Pela função que exerciam publicamente, bastava que os escribas fizessem um relatório, ci-

12 RABUSKE, Irineu J. **Jesus exorcista**: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3.20-30. São Paulo: Paulinas, 2001; cf. também RABUSKE, Irineu J. O programa de Jesus: amarrar o forte Satanás (Mc 3.20-30). **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 74, p. 88-95, 2002.

entificando o sinédrio do que estava ocorrendo na Galiléia. Não teria sido necessário medir forças com Jesus diante dos presentes numa sinagoga ou diante das *multidões* que vinham ouvir a pregação popular de Jesus.

Do ponto de vista da psicologia, a inveja inscreve-se no âmbito dos sentimentos, tal como prazer e dor, amor e ódio. Assim como surgem sentimentos de amor e outros, também se manifestam sentimentos de inveja. Vista assim, a inveja deveria ser tratada de modo imparcial, como um dos componentes da nossa personalidade, tal como se trata o prazer, a dor, o amor, o ódio. Fazendo parte de nossa vida sensitiva, a inveja deve ter sua origem no passado mais ancestral da espécie humana. Ela pode ser observada entre os animais em geral e, de modo especial, nos chimpanzés. Basta uma hora diante de um grupo desses animais no zoológico para percebermos como a inveja os move.

A psicanálise ortodoxa de Sigmund Freud tentou explicar a origem da inveja na própria constituição diferenciada dos seres humanos. A inveja seria a componente feminina, originada pela sensação de prejuízo que a mulher sente em relação ao homem pelo fato de não possuir órgão sexual externo (pênis)¹³.

Na história criminalística a inveja também pode ser levada em conta como um grande movente que permite elucidar intrincados casos de atentados e homicídios. Existem depoimentos de criminosos bem como avaliações de psicólogos forenses que, mesmo não usando exatamente o termo, descrevem o perfil psíquico do criminoso ou da criminosa com as características indubitáveis de inveja em seu sentido mais negativo possível. Não possuir ou não ser o que os outros têm ou são pode levar a pessoa, movida pela inveja, a destruir a outra pessoa que goza dessa aparente felicidade ou a eliminar o objeto dessa felicidade. Se o objeto da felicidade for uma pessoa, acontece o homicídio¹⁴. A inveja pode, pois, desembocar na intenção ou mesmo na prática do crime.

Já na história do Cristianismo, a inveja foi desde cedo classificada como algo totalmente negativo. Sob o pontificado de Gregório Magno, foi incluída entre os pecados mais graves, na época denominados *capitais*. A inveja sobrevive na atual nomenclatura dos *pecados capitais*, mas não tem mais aquela importância que lhe era dada na antiguidade. Mesmo assim,

13 FREUD, S. Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds. **Studien Ausgabe**, Frankfurt a. M., v. 5, p. 253-266 (aqui especialmente p. 261s.), 1972.

14 SCHOECK, Helmut. **Der Neid und die Gesellschaft**. Freiburg: Herder, 1974. p. 66-69. O autor elenca vários casos da história criminalística recente na Alemanha e nos Estados Unidos, em que o motivo do crime foi, indubitavelmente, a inveja da felicidade alheia.

continua a ser considerada apenas sob seu aspecto negativo e, como tal, está proscribida da vida dos cristãos. Ninguém gosta de admitir que é movido por inveja. Pessoas invejosas são menosprezadas. Na ascese, procura-se dominar a inveja. Na realidade, tornou-se um tabu¹⁵. Com mais ou menos intensidade, a inveja entra na composição de cada personalidade individual.

Também não se pode considerar a inveja simplesmente como um sentimento individual. Pelo contrário, ela possui uma dimensão social. Grupos sociais podem ser mais ou menos movidos pela inveja. A observação etnográfica pode trazer exemplos eloqüentes¹⁶. Dentro da sociedade, pode ocorrer que, além da busca de poder, determinados grupos possam agir também impulsionados pela inveja. Já que não podem alcançar o poder, agem com estratégias de cunho anarquista, dentro do espírito da fábula grega da raposa e as uvas verdes. Além disso, pelas mesmas motivações, determinado grupo pode agir também contra outro grupo dentro da sociedade.

Como todos os demais sentimentos, a inveja não pode ser erradicada nem ignorada ou tabuizada na vida das pessoas e dos grupos sociais. Como os demais sentimentos e instintos, ela é responsável não somente pelo aspecto negativo do comportamento humano. A moral cristã, proscovendo-a e relegando-a para o campo dos maiores pecados (capitais) que se poderia cometer, contribuiu também para a criação de uma cultura de submissão, passividade e inativismo. A inveja, em medida equilibrada, pode funcionar como elemento motivacional para que pessoas e grupos sociais saiam do imobilismo e tendam a um bom e sadio progresso. A repressão pura e simples da inveja pode, por analogia, ser comparada à repressão sexual.

Essas observações levam-nos a concluir que a inveja é um sentimento *ambivalente*. Por um lado, não é justo simplesmente demonizá-lo como

15 ALBERONI, Francesco. **Os invejosos**: uma investigação sobre a inveja na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 1996 apud VENTURA, Zuenir. **Mal secreto**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998. p. 9.

16 Por exemplo, na Ucrânia, os próprios habitantes se consideram especialmente invejosos. É famoso entre eles o fato de o agricultor, numa boa safra de maçãs, morder todas as frutas que não consegue consumir ou vender para que ninguém delas possa tirar absolutamente proveito algum, conforme depoimento recolhido por HAUBL, R. **Neidisch sind nur immer die anderen**: Über die Unfähigkeit, zufrieden zu sein. München: C. H. Beck, 2001. p. 11s. No Rio Grande do Sul, pode-se observar que no grupo étnico de matriz germânica, no ambiente rural, ocorria algo semelhante. Lá, os agricultores de origem germânica não eram muito afeitos ao cultivo da melancia. Os jovens (e adultos) costumavam, então, furtar à noite essa fruta daqueles que a conseguiam cultivar. Não só furtavam, como depois destruíam o resto da lavoura. Isso era considerado quase como um esporte. No fundo, porém, eram movidos pela inveja, que quer ver destruído o que não se pode possuir. Exemplos semelhantes há também na Alemanha.

responsável apenas por comportamentos negativos e condenáveis, como tem acontecido ao longo de dois mil anos de cultura cristã. Por outro lado, não se podem, ingenuamente, apenas considerar seus aspectos positivos, já que, abandonada a si própria, pode levar pessoas e grupos a agirem de modo irracional.

Na segunda parte deste estudo procurar-se-á detectar como todos esses aspectos da inveja podem ser identificados no grupo dos adversários de Jesus. Nas controvérsias galiléias eles aparecem em decidida oposição a Jesus. Nossa hipótese é que, além de motivos sociopolíticos, já admitidos em geral pelos historiadores e exegetas, os oponentes de Jesus também eram movidos pela inveja.

4 - Os adversários de Jesus nas controvérsias galiléias

4.1 - Os adversários na coleção pré-marcana de controvérsias

Desde a publicação do livro de M. Albertz¹⁷ aceita-se que Mc 2.1-3.6 contém um bloco de cinco controvérsias de origem pré-marcana. Desde então, a pesquisa encarregou-se de examinar os detalhes dessa coleção pré-existente. A nós aqui interessa apenas lembrar o que se refere aos adversários que aparecem nessas narrativas. A identificação dos adversários históricos de Jesus é de suma importância para o nosso propósito. Antes de examinarmos os motivos dos adversários, convém precisar – tanto quanto possível – *quem são esses adversários*. Para isso, vamos valer-nos dos resultados da exegese histórico-crítica que tem se ocupado suficientemente dessa questão, embora os resultados nem sempre estejam presentes na mente dos leitores.

Nos evangelhos sinóticos pode-se observar um fenômeno deveras interessante no que se refere à questão, da qual no momento estamos nos ocupando. Comparando os materiais tradicionais com os acréscimos redacionais, pode-se observar que, nas camadas mais antigas da tradição, os textos são menos detalhistas na identificação dos personagens. À medida que o tempo passa, o material tradicional é trabalhado pelos evangelistas, movidos por sua *intenção redacional*. Com isso quer-se dizer que os evangelistas vão amoldando o material tradicional às novas situações com as quais as comunidades (judeo)cristãs são obrigadas a se confrontar. Em resumo, pode-se dizer que, quanto mais antigo um texto, mais tende a indicar

17 ALBERTZ, 1920.

os adversários de modo genérico. Os textos de redação mais recente tentam especificar os adversários. Nos evangelhos maiores, tende-se a identificar tanto quanto possível os adversários com os fariseus, devido à situação de controvérsia da comunidade cristã com o Judaísmo Formativo¹⁸, liderado pelos fariseus.

4.2 - Os adversários e suas motivações

Na literatura exegética não se deu a devida importância aos adversários de Jesus. Mesmo em comentários de fôlego, como o de E. Drewermann¹⁹, que analisa os textos sob o ângulo da psicologia do profundo, os adversários não são praticamente contemplados. O autor aprofunda-se muito mais nas considerações concernentes às pessoas envolvidas com as controvérsias. Neste estudo, concentrar-nos-emos exatamente no perfil dos adversários. Com isso, certamente será possível aprofundar a compreensão dos textos e igualmente será possível enriquecer o esforço hermenêutico de atualização dos mesmos a partir de perguntas que o leitor de hoje se faz ao lê-los.

4.2.1 - A cura do paralítico (2.1-12)

A primeira controvérsia²⁰ reveste-se de detalhes que a tornam impressionante. As pessoas sempre querem saber como é que os quatro, que vêm trazendo o paralítico, chegaram à conclusão de que seria mais fácil subir ao telhado para daí baixarem o enfermo até o lugar onde Jesus se encontrava no interior da residência. Essa impressão justifica-se. O próprio Jesus, segundo a narrativa, ficou deveras impressionado *com a fé deles* (τὴν πίστιν αὐτῶν, cf. 2.5), isto é, dos quatro que vinham trazendo a pessoa paralítica. Por causa da atitude deles, Jesus toma a iniciativa em favor do enfermo. É o único caso de cura em que Jesus age não por causa da fé do agraciado, e sim, por causa da fé de terceiros. A própria atitude dos quatro diz tudo o que Jesus queria saber, tanto que não se estabelece nenhum diálogo de Jesus nem com os quatro, muito menos com o paralítico.

Diante da ação dos quatro, Jesus diz ao enfermo: “Filho, teus peca-

18 OVERHAN, J. A. **Mateus e o Judaísmo Formativo**: o mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Loyola, 1997. (Bíblica Loyola, 21).

19 DREWERMANN, E. **Das Markusevangelium**. Solothurn e Düsseldorf: Valter-Verlag, 1993. 2 v.

20 BRAKEMEIER, G. A cura do paralítico em Cafarnaum (Mc 2.1-12): uma exegese. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 23, n. 1, p. 11-41, 1983. O autor oferece detalhada e exaustiva análise exegética deste texto.

dos estão perdoados”. Com isso, Jesus está declarando que o estado de saúde do paraplégico nada tem a ver com pecado, castigo divino ou ação demoníaca²¹. Nesse momento entram em ação *alguns dos escribas*. O texto diz que eles apenas *pensavam em seu íntimo*. Eles nem mesmo chegam a interpelar Jesus que, com sua habilidade em observar as pessoas, imediatamente detecta o que lhes vai no íntimo²². Eles dizem de si para si que Jesus blasfema. A pergunta de Jesus aos seus adversários não está ligada ao conteúdo do que eles estão pensando, mas à motivação. *Por que pensais assim em vossos corações?* Diante da liberdade teológica com que o pregador popular liberta o paraplégico de qualquer ligação entre seu estado de saúde e sua relação com Deus, os escribas não se contêm. Sob o aparente zelo teológico, começam a cogitar sobre a idoneidade de Jesus e não hesitam em logo qualificá-lo de blasfemo. O coro final dos assistentes contrapõe-se à atitude dos escribas. Diante da ação benéfica de Jesus, o povo aplaude em uníssono, enquanto os escribas permanecem reclusos em seu silêncio invejoso.

4.2.2 - *Jesus confraterniza com os pecadores (2.15-17)*

A segunda controvérsia acontece por ocasião em que Jesus se permite a liberdade de tomar a refeição em casa de um publicano que acabara de recrutar para o círculo de seus discípulos. Além do anfitrião, lá se reuniram mais pessoas religiosamente discriminadas, sob a denominação de *publicanos e pecadores*. O texto ainda observa que essas pessoas eram muitas e seguiam Jesus. De acordo com o *código de pureza*²³, o judeu observante não podia freqüentar a casa de *pecadores*. Os publicanos, colaboradores diretos do Império Romano para a coleta de impostos, eram praticamente equiparados aos pecadores. Nosso texto observa que em casa de Levi estavam reunidos *muitos publicanos e pecadores*, portanto, pessoas todas com quem o judeu observante não poderia confraternizar.

A reação dos escribas é de desdém. Eles mesmos não se permitem tal liberdade, pois consideram-se fiéis observantes das práticas judaicas.

21 No Judaísmo tardio, era crença generalizada que os demônios tinham três tarefas: a) arruinar a saúde, mediante as doenças, b) arruinar o patrimônio, reduzindo as pessoas ao estado de pobreza e c) arruinar a alma, induzindo as pessoas ao pecado. Cf. RABUSKE, 2001, p. 70s.

22 Já na fonte Q transparece essa capacidade especial, quase telepática, de Jesus em perceber o íntimo das pessoas.

23 FUSSEL, K. **Drei Tage mit Jesus im Tempel**: Einführung in die materialistische Lektüre der Bibel für Religionsunterricht, Theologiestudium und Pastoral. Münster: Edition Liberación, 1987. O código de pureza impunha uma barreira cultural praticamente intransponível entre o judeu e o pagão, bem como entre o judeu e as pessoas consideradas impuras ou pecadoras.

Não há nada de mal na atitude observante deles. O que se deve ressaltar é sua reação negativa diante da liberdade que Jesus se permite, transpondo um código religioso-cultural. A reação negativa pode ser parcialmente entendida como reação ao *diferente*, devido à ruptura com o padrão cultural. A intolerância diante da liberdade de Jesus está revestida, aparentemente, do zelo religioso, da preservação dos bons costumes. No fundo, porém, os agentes do sistema são movidos pelo sentimento de inveja: em sua posição, não podem permitir-se tal liberdade e também não suportam que Jesus, livre de qualquer compromisso, possa agir assim, ignorando qualquer tipo de preconceito cultural ou religioso.

4.2.3 - A questão do jejum (2.18-22)

No conjunto das cinco controvérsias galiléias, esta sobre o jejum ocupa lugar central. O evangelista Marcos as organizou de tal modo que a narrativa central sirva de luz que se projeta sobre as duas subseqüentes e se retroprojeta sobre as duas iniciais²⁴. Essa controvérsia central lança luz sobre toda a seção 2.1-3.6. Algumas considerações que aqui faremos poderão ser válidas para a melhor compreensão das cinco controvérsias como um todo.

A *ocasião* que provoca a controvérsia é o ritual do jejum. Certa ocasião em que havia prescrição ou costume desse ritual, que os fariseus, por exemplo, cumpriam rigorosamente, Jesus permitiu-se a liberdade de dispensar seus discípulos dessa obrigação. Os adversários de Jesus aqui não são identificados. Apenas se diz que *vieram* (ἔρχονται), o que permite supor que se trate mais uma vez dos escribas que haviam descido de Jerusalém (cf. 3.22; 7.1). São os emissários do sinédrio que compõem a *delegação oficial* encarregada de averiguar o que estava acontecendo na Galiléia, já que a prática de Jesus já havia chegado aos ouvidos da classe dirigente de Jerusalém. São os agentes do sistema religioso-político e econômico e é permitido supor que não se tratasse de agentes autômatos, mas de pessoas com sentimentos que, além de executarem a tarefa que lhes havia sido confiada, também podiam agir movidos por sentimentos e paixões como, por exemplo, a *inveja*.

Aqui a resposta de Jesus tem importância fundamental para a compreensão de toda a seção. Jesus responde com três metáforas: a alegria dos amigos do noivo, o remendo novo em vestido velho e o vinho novo em odres

24 THISSEN, 1976, p. 164. É conhecido o estilo concêntrico na redação marcana.

novos. As três metáforas ressaltam a *novidade*. Jesus, percebendo o que movimentava a esfera sentimental de seus adversários, responde lapidarmente com as três metáforas que sua liberdade, por eles invejada e não suportada, está ancorada em um *Novum*. A novidade a que Jesus se refere é o Reino de Deus que, com a pregação de Jesus, está chegando (Mc 1.15; cf. Lc 11.20). A novidade é que a prática de Jesus não se orienta mais pelos paradigmas antigos, e sim, pelo Reino de Deus e suas exigências, o que relativiza qualquer padrão ou código cultural ou cúltico, até então aceito como obrigatório e indiscutível.

4.2.4 - As espigas arrancadas (2.23-28)

No caminho para a sinagoga, os discípulos de Jesus, atravessando um trigal, arrancam espigas para comer²⁵. À primeira vista, tem-se a impressão de que os adversários estão murmurando, porque, numa interpretação rigorosa da Lei, os discípulos de Jesus estariam trabalhando, isto é, colhendo trigo e descascando-o para consumi-lo²⁶ durante a caminhada rumo à sinagoga. A reação dos adversários parece revestir-se de puro zelo pelo cumprimento da lei, o que os colocaria em posição privilegiada em relação a Jesus e seus discípulos. O que na realidade os irritava era a liberdade com que Jesus e seus discípulos agiam. Eles, como guardiões dos valores tradicionais, não podiam permitir-se tal liberalidade. A inveja consiste em não suportar que outros possam cultivar tal estilo de vida.

Percebe-se a má intenção dos adversários prestando atenção na resposta de Jesus. Seus discípulos estavam, aparentemente, sendo acusados de realizar uma atividade que em dia de sábado era proibida. Jesus poderia ter respondido a essa interpelação, justificando porque seus discípulos estavam colhendo e descascando trigo em dia de sábado. Mas não é isso que acontece. Jesus adianta-se a uma acusação mais forte que poderia ter sido feita, qual seja, de que estariam furtando trigo alheio e isso, além de tudo, em dia de sábado. A acusação feita pelos fariseus permitiria essa interpretação: realizar no sábado algo que em princípio já é proibido pela lei (furtar). Essa possibilidade de interpretação leva Jesus a justificar a atitude de seus discípulos, recordando o que é narrado em 1Sm 21.2-7, quando Davi e seus

25 Aceita-se, em geral, que os discípulos de fato estavam arrancando espigas para comer e não para abrir caminho para Jesus passar, como no passado se tentou amenizar.

26 Uma das atividades proibidas em dia de sábado eram a colheita e a trilhagem de trigo. KIPPENBERG, H. G.; WEWERS, G. A. **Textbuch zur neutestamentlichen Geschichte**. Goettingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1979. p. 174s. (NTD – Grundrisse zum Neuen Testament, 8).

companheiros, sob a justificativa da fome, fizeram algo muito mais grave ainda, comendo os pães da proposição, o que, além de furto, devia ser considerado profanação de algo sagrado.

4.2.5 - *Cura do homem com a mão atrofiada (3.1-6)*

A quinta e última controvérsia de nossa seção apresenta Jesus na sinagoga em dia de sábado. Estava lá um homem com um problema sério numa das mãos. O texto imediatamente trata de apresentar os adversários, anônimos, sem denominação, em sua típica atitude negativa em relação a Jesus. Eles estavam à espreita, observavam com sentimentos negativos, como Jesus se comportaria. O verbo *parateréo* (παρατηρέω) permite essa interpretação²⁷. Jesus percebe a atitude hostil sem que os adversários pronunciem uma só palavra. Para o evangelista Marcos, os adversários são incorrigíveis, endurecidos e empedernidos em seus corações. Por isso mesmo não se pode esperar que se convertam (cf. 4.10-12). Além de agentes do sistema, ainda são guiados por uma inveja negativa que não lhes permite mais ver nada de positivo na prática de Jesus.

A reação de Jesus aqui é descrita por Marcos com tintas bem mais fortes do que nas controvérsias anteriores. Jesus indigna-se com a dureza dos corações deles, que preferem que o pobre homem permaneça na desgraça a ter que admitir que Jesus poderia realizar algo de bom.

Essa última controvérsia conclui narrando que os adversários se reúnem para confabular e encontrar uma solução final e decisiva, isto é, procuram encontrar uma maneira de eliminar Jesus definitivamente.

Conclusão

A inveja é um sentimento ambivalente: tanto pode motivar a pessoa a assumir atitudes positivas, quanto pode levar a comportamentos negativos e destrutivos. Tradicionalmente tem-se visto quase que exclusivamente o lado obscuro desse sentimento e, por isso mesmo, foi classificado como um dos pecados mais graves. Não é necessário que seja assim, pois a inveja pode motivar a atitudes positivas, pode motivar para a auto-superação e para a conquista, sem prejuízo para outrem. São, pois, duas possibilidades de reação que se pode ter diante daquilo que não se tem ou que não se é: de um

²⁷ RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 354.

lado, o imobilismo destruidor, de outro, a atitude positiva, motivadora para construir algo.

Nas controvérsias de Mc 2.1-3.6 observamos os adversários de Jesus e podemos constatar que, disfarçados em guardiões zelosos pela lei, eles são movidos pela inveja em seu aspecto puramente negativo. Ao longo das cinco controvérsias não se noticia nenhuma atividade realizada por eles. Apenas são registradas no texto as tentativas de desabonar o prestígio de Jesus junto ao povo. Não se noticia nada sobre a prática deles junto ao povo, o que poderia servir de contraponto à prática de Jesus. São, pois, marcados pelo imobilismo e tem-se a impressão de que, durante toda a vida pública de Jesus, apenas se ocupavam em desfazer e destruir o que Jesus construía. Aí reside algo característico da inveja em seu aspecto mais negativo: já que não se pode ser ou possuir algo, procura-se destruí-lo na vida dos outros.

Esse aspecto destruidor da inveja aparece explicitamente no final da última controvérsia. Nas quatro primeiras, os adversários são sempre reduzidos ao silêncio pela argumentação de Jesus em sua resposta ou contrapergunta. A narrativa conclui com as palavras de Jesus, sem referir mais absolutamente nada sobre a possível reação dos adversários. Na última, porém, há um acréscimo notável e que não pode ser descuidado. Em 3.6 refere-se que “ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o *destruiriam*”. O texto permite ler que eles estavam indo além de sua competência. A atitude normal de agentes do sistema seria o envio de um relatório detalhado ao sinédrio de Jerusalém. Levados pelos sentimentos, porém, decidem por contra própria encontrar um meio para destruir Jesus. Movidos pela inveja, os adversários de Jesus extrapolam suas atribuições e partem para a iniciativa claramente criminosa.

Referências

- ALBERONI, Francesco. **Os invejosos**: uma investigação sobre a inveja na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 1996 apud VENTURA, Zuenir. **Mal secreto**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.
- ALBERTZ, M. **Die synoptischen Streitgespräche**: Ein Beitrag zur Formengeschichte des Urchristentums. Berlin: Trowitzsch und Sohn, 1920.
- BELO, F. **Lecture Materialiste de l'Évangile de Marc**: récit – pratique – idéologie. Paris: Cerf, 1975.
- BRAKEMEIER, G. A cura do paralítico em Cafarnaum (Mc 2.1-12): uma exegese. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 23, n. 1, p. 11-41, 1983.

- BULTMANN, R. **Die Geschichte der synoptischen Tradition**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1967.
- DIBELIUS, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Valencia: EDICEP (Institución San Jerônimo), [s.d.].
- DREWERMANN, E. **Das Markusevangelium**. Düsseldorf: Walter-Verlag, 1993. 2 v.
- FREUD, S. Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds. **Studien Ausgabe**, Frankfurt a. M., v. 5, p. 253-266, 1972.
- FUSSEL, K. **Drei Tage mit Jesus im Tempel**: Einführung in die materialistische Lektüre der Bibel für Religionsunterricht, Theologiestudium und Pastoral. Münster: Edition Liberación, 1987.
- GALLARDO, C. Bravo. **Jesus homem em conflito**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- HAUBL, R. **Neidisch sind nur immer die anderen**: Über die Unfähigkeit, zufrieden zu sein. München: C. H. Beck, 2001.
- JORNAL Zero Hora. Porto Alegre, 11.1.2004.
- KIPPENBERG, H. G.; WEWERS, G. A. **Textbuch zur neutestamentlichen Geschichte**. Goettingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1979. p. 174s. (NTD – Grundrisse zum Neuen Testament, 8).
- MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulus, 1992.
- OVERHAN, J. A. **Mateus e o judaísmo formativo**: o mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Loyola, 1997. (Bíblica Loyola, 20).
- RABUSKE, Irineu J. O programa de Jesus: amarrar o forte Satanás (Mc 3.20-30). **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 74, p. 88-95, 2002.
- _____. **Jesus exorcista**: estudo exegetico e hermenêutico de Mc 3.20-30. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHOECK, Helmut. **Der Neid und die Gesellschaft**. Freiburg: Herder, 1974.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia da exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- THISSEN, Werner. **Die Erzählung der Befreiung**: Eine exegetische Untersuchung zu Mk 2,1-3,6. Würzburg: Echter Verlag, 1976.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.